

NATUREZA – IMAGEM DO PARAÍSO: PERNAMBUCANOS DA COLÔNIA DO PULADOR ANASTÁCIO (MS)*

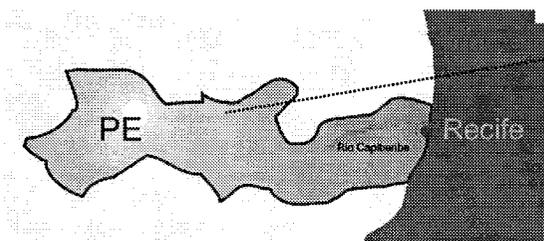
*Andréa Silva Domingues***

Refletir sobre as experiências de vida dos “migrantes” pernambucanos residentes na Colônia do Pulador, na cidade de Anastácio, no estado de Mato Grosso do Sul é um desafio que enfrentamos, desde o início do mestrado no Programa de Estudos Pós-Graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Trabalhando com documentos escritos, fotografias e depoimentos, percebemos que as marcas culturais desses “nordestinos” são constituídas, principalmente, por experiências não necessariamente ligadas à viagem de migração.

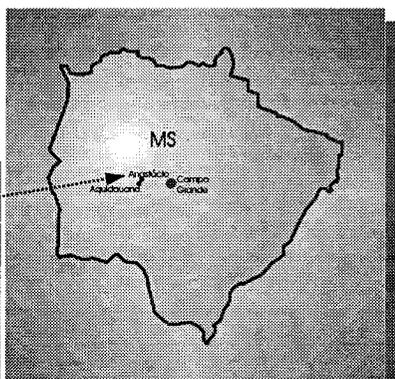
Escolhemos, portanto, trabalhar com as memórias de mulheres e homens antes e depois da migração, buscando compreender como se deu o seu embate cotidiano com formas de vida diferentes, incluindo as suas relações com a natureza.

Durante as décadas de 1950 e 1960, os trabalhadores “nordestinos” chegaram em massa à procura de novas e promissoras terras na região de Anastácio, localizada no Centro-Oeste do país. O povoamento dessa região é antigo; a povoação da Margem Esquerda¹ do Rio Aquidauana tem início por volta de 1870, com a chegada de italianos liderados por Vicente de Anastácio². Próximos de uma rede fluvial, esses italianos poderiam melhor organizar os seus negócios.

Anastácio tem sua origem marcada pela cidade de Aquidauana. Foi na Margem Esquerda do rio que nasceram os primeiros comércios. Mas, com a entrada da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, o centro passou a ser na Margem Direita (Aquidauana), pois a estação de trem, tanto para carga como para passageiros, situa-se em Aquidauana, onde também desciam todos os “migrantes” que vinham para a região e dali se espalhavam, muitos indo para a Colônia do Pulador.



Mapa I – Estado de origem dos migrantes



Mapa II – Estado de destino dos migrantes

Hoje, a região de Anastácio tem várias colônias populacionais, entre elas a Colônia do Pulador, formada por “migrantes” de diferentes pontos do Nordeste, mas que são, em sua grande maioria, pernambucanos que começaram a comprar terras desde 1920, quando, ao ser vendida uma fazenda pertencente à família Anderson, foi dividida em colônias. A produção básica era a mandioca, o arroz, a banana e o abacaxi; atualmente, a Colônia transformou-se em diversos sítios, onde predomina a pecuária de corte e de leite.

Tal como a migração do Amazonas, estudada por Wolff,³ a do município de Anastácio é composta por nordestinos. Estes partiam em busca de um sonho imaginado, de qualidade, de um melhor plantio, deixando o Nordeste rumo ao Centro-Oeste do país. Sobre como a Colônia do Pulador iniciou sua povoação desde os anos vinte, percebemos pelos relatos dos “migrantes” que as primeiras viagens foram realizadas, em boa parte, de navio. Partiam de Recife e desembarcavam no Rio de Janeiro. Isso ocorreu talvez até o término dos anos 30. Depois dessa época, a grande parte dos “migrantes” utilizou caminhões, chamados de pau-de-arara⁴ para se deslocarem. Durante vários dias, com diversas outras famílias, dividindo banquinhos e redes, cheios de improvisos, eles viajavam na carroceria.

São esses “migrantes”, residentes na Colônia do Pulador e no município de Anastácio, que procuramos conhecer e estudar no momento. Sabe-se que esses homens e mulheres, lutaram para conquistar e fazer progredir seu espaço nas terras matogrossen-

ses. Tais espaços foram construídos lentamente, cotidianamente, com entusiasmo, respeito, perseverança, auxílio da natureza, mas, também, muito trabalho para domesticá-la e para aproveitar suas riquezas e forças.

Na série de depoimentos, os entrevistados, residentes na Colônia do Pulador, fazem referências a uma época marcada por muito trabalho e convívio com tradições familiares. O passado é lembrado como um tempo de labor árduo, o que lhes serviu de motivo para a realização do deslocamento. Em outras regiões, normalmente, os homens viajavam primeiro, com a pretensão de conquistar algo para depois buscarem as mulheres e filhos. Nesse caso, os “nordestinos” resolveram vender a “*terrinha que tinha*” e, acompanhados da família, mudaram-se para o Mato Grosso.

Os depoentes lembraram de como descobriram e criaram a imagem de Mato Grosso: “*Ele ficou sabendo disso com Suza Pinheiro, pai de Mavi, ele chegou lá fez a cabeça dele, disse que a caça vinha pro quintal, o viado, o tatu, era tudo junto com as galinhas*”.⁵

A imagem de uma região próspera, com fartura de caça e de terra “fazia a cabeça” dos nordestinos, transformando suas vidas numa trajetória destinada ao deslocamento social.

Nas conversas descontraídas com alguns moradores da Colônia, foi-nos contada uma história, que os mais idosos já falecidos contavam aos mais novos. No período da Guerra do Paraguai, quando as tropas passaram pelas terras do atual Mato Grosso do Sul, havia diversos soldados pernambucanos e, entre eles, um soldado sobrevivente, que, por causa de algum mérito, passou a ser chamado de tenente. Após conhecer as terras sul mato-grossenses, ficou encantado com a natureza bela, com suas matas e animais. Ao retornar a Pernambuco, convidou alguns amigos e parentes para criar a Colônia do Pulador, dando, assim, o início à imagem do paraíso imaginado. Essa história fez com que a palavra “tenente” fosse atribuída como um tipo de tratamento a algumas pessoas consideradas importantes da região; contribui também para criar uma origem da Colônia bastante aceitável aos “migrantes”.

Ao mesmo tempo a idéia de um clima bem definido, verão/inverno, funcionou como uma espécie de atrativo, pois significava, de uma certa maneira, a segurança de uma boa colheita:

*... É que lá nós não lucrava todo ano, e aqui nós lucrava porque chuvia bastante, lá quando nós tava com a lavoura pra lucra vinha a seca acaba com tudo não lucrava nada, algum ano quando dava, que era bom de inverno nós lucrava bastante.*⁶

*... aqui tinha fama que era melhor. Porque o ano seco não dava nada, num sabe e aqui quarquer coisa que plantava i dava, então já era uma vantagem, era uma vantagem pra nós.*⁷

De fato, na maior parte dos depoimentos, o clima aparece como a principal razão do deslocamento dos pernambucanos para a Colônia do Pulador. Memórias mostram que, em Pernambuco, a falta de um clima que tivesse a estação de inverno definida prejudicou bastante a vida desses “migrantes”, fortalecendo as razões para o abandono da terra de origem: *“Pernambuco no tempo que eu sai de lá e até hoje memo, se nele não fartasse um inverno no tempo necessário, não havia lugar melhor”*.⁸

Alguns depoentes consideravam sua vida razoável no Nordeste, *“lá nós era acostumada né, lá a gente tinha uma vidinha boa, trabaivava na roça, mas não tinha calor, não tinha frio”*.⁹ Segundo suas recordações no Nordeste, as estações do ano não tinham um “período próprio” e, na maior parte das lembranças, a seca era predominante. Ao mudarem, eles sentiram a diferença, pois a região de Anastácio tem duas estações bem definidas, com inverno seco e verão chuvoso, podendo a temperatura alcançar a marca de 40 graus nos meses de verão. Os “migrantes” não estavam acostumados com essa mudança de temperatura, e, então, o clima tornou-se um aspecto presente em todos depoimentos.

No entanto, com o passar do tempo, as imagens do passado e do presente não permaneceram as mesmas. Os trabalhos da memória¹⁰ implicam, constantemente, novos arranjos entre lembranças e esquecimentos, tais como os de Dona Maria: *“hoje não quero nem me lembrar do Norte, me acostumei de um jeito”*. Visto que a Colônia do Pulador é composta somente por “nordestinos”, em sua maioria pernambucana, a adaptação dessas famílias não ocorreu com grandes dificuldades. Verifica-se que *“uma vez superados a angústia, o medo, a resistência e o ressentimento da mudança, o olhar para trás, o juntar traços vivenciados no passado reforçaram os sentimentos de pertencimento ao grupo”*.¹¹

Nos relatos dos pernambucanos, a memória expressa lembranças alegres e tristes: *“Eu fiquei feliz, esperava encontra o que eu imaginava fica aqui trabaia tinha a lavoura que ia dá muita coisa assim de lucro”*.¹²

No conteúdo de cada narrativa estão inseridas lembranças de um passado nas quais o ato de deslocar se torna uma espécie de sinônimo de conquista, de uma vida melhor em outra Cidade/Estado/Região, marcada pela trajetória de vida de cada “migrante” que com sonhos em comum partiam em busca da terra idealizada onde: *“plantava de um*

tudo, de bananeira, mandioca, muda de abacaxi, batata, arrois, milho, a gente plantava o que dava".¹³ Uma terra onde a natureza colaborava com chuva e sol, oferecendo um clima definido para a concretização de uma boa colheita. Esperava-se, assim, traçar um elo de ligação entre a natureza e os Homens dentro do qual proliferasse fartura e segurança. A natureza de Mato Grosso era, portanto, vista como uma espécie de aliada dos "migrantes".

Com um olhar distanciado e saudoso sobre a vida anterior ao deslocamento, a trajetória individual auxilia na compreensão das imagens idealizadas por cada pernambucano, que, com sede de produtividade, trilharam o percurso da viagem até Mato Grosso e, ao relatarem esse percurso, descobriram novos fragmentos das histórias de vida de cada personagem, de seus conhecimentos sobre o caminho percorrido e de suas habilidades para conquistar o Paraíso Imaginado.

Uma parte da memória do esforço dos entrevistados nos reenvia, ainda, ao tempo anterior ao deslocamento, à vida nas cidades de Caruaru, Surubim, Limoeiro, Vertente, Juá do Manso, localizadas em Pernambuco. Essas experiências estão pontuadas por um cotidiano desprovido de boas condições naturais. Com uma infância marcada pelo trabalho manual, no "cabo da enxada", as atividades braçais eram realizadas tanto por homens, mulheres e crianças. A vida na "lida", no trabalho da roça, começava cedo para a maioria das pessoas, enquanto as mãos pequenas já eram vistas como um auxílio a mais no sustento da casa: "*Eu trabaiava, quando eu era criança meu pai me ensinou me deu uma enxada pra eu trabaiar com sete anos, a gente puxava a enxada o dia inteiro*".¹⁴

Interessante observar que, embora a natureza fosse considerada uma aliada, ela não era percebida separada da obra humana de domesticação de suas forças.

Domesticar a natureza por meio do plantio, cultivo, colheita, criação de animais, desvio de rios por valetas que se tornaram córregos, fazia parte do cotidiano na Colônia. A luta contra os imponderáveis naturais, tais como falta de chuva, seca, terra dura, perda de plantações inteiras, pertencia aos dias vividos em Pernambuco. A experiência de vida no Nordeste, que tinha como base o princípio de busca do sustento da família, é caracterizada pela lida na roça, mas também traz consigo lembranças de uma cultura antiga repleta de saberes tradicionais sobre como carpir, plantar, colher e adubar a terra. Assim, o cotidiano desses "migrantes" era marcado também por outras relações com a natureza. Por exemplo, nas noites claras, de lua cheia, a brincadeira de roda se tornava mais prazerosa:

*... era gostoso ficava toda aquela moçada ali no escuro memo não era luz elétrica não, era no escuro memo e nós cantava bastante aqueles versinho de amor aquelas coisa né e nós cantava naquelas cantiga e ficava brincando até tarde na noite na rua, quando a noite era de lua que era boa né, era claro, a noite era de lua tinha a claridade da lua na noite na noite de escuro agente também brincava ali no terrero...*¹⁵

O escuro era povoado de contos e experiências de diversão coletiva, assim como pela presença majestosa da lua.

Interessante observar que ao lembrar tempos vividos, a relação com a água, mencionada em diversas entrevistas, que para grande parte dos entrevistados era utilizada nos afazeres domésticos e higiênicos, não foi a causa central do deslocamento, embora a chuva e a questão climática, como já mencionamos, trouxessem os “migrantes” para o Centro-Oeste do Brasil.

Durante as entrevistas, os depoentes discorrem sobre essa relação com a água:

*... quando chegava em casa passava num rio, tem vez que o rio tava cheio né no rio Capibaribe porque nós morava no outro lado tinha que cruza o rio né, quando vinha de lá as vez tava uma enchente ele cruzava a gente assim ó (mostra que era em cima dos ombros) com água aqui e passava de um e um a vida na verdade era essa tomava banho no rio, naquele tempo não fartava água no rio agora farta né, mas aquele tempo quando a gente era novo a gente tomava banho todo dia nos poço d'água do rio cada poço que tinha, depois que nós saimo de lá é que começou a seca e seca e seca...*¹⁶

O passado ficou na memória juntamente com a experiência dos banhos diários. O Rio Capibaribe, por exemplo, era local de passagem obrigatória para alguns moradores da região, paisagem cotidiana, fonte fundamental de abastecimento da população:

*... quando tinha folga lavava roupa, tinha água no rio Capivari tinha o rio nesse tempo ele não secava quando ele secava aí nós abria aquelas cacimba ali tinha água debaixo raziño né abria areia a areia cobria aí nós abria catava água fazia a gente colocava um caixão assim de coisa assim na água ficava aquele cantiuzinho né daí pra vim a água colocava uma tampinha pra não cai sujeira a água é dali que vinha mesmo no nosso tempo não tinha falta d'água não nós não mas tinha muito lugar que a seca prejudicava prejudica até inda hoje né maço no nosso tempo da a donde nós morava não tinha seca porque nós tinha o rio o rio não deixava de dar água.*¹⁷

Nas palavras de Maria Olímpio, ao falar da água, observamos que a depoente utiliza do diminutivo em vários momentos (raziño, cantiuzinho, tampinha). A atribuição do diminutivo indica ou sugere a relação delicada, cuidadosa com o trabalho relacionado à coleta da água:

... Sábado, domingo, no domingo nós não ia não lava roupa mas no sábado nós lavava no no oio d'água, no oio d'água que tinha... Oio d'água era um troço lá que é grande poço lá furado no meio e aquilo ali era cheio direto não secava.¹⁸

As lembranças mostram que a água para os “migrantes” era muito presente no cotidiano, em rios, bicas, “oio d’água”, córregos, valetas entre outros. A presença da água não era uniforme e a sua lembrança nos remete para a diversidade da paisagem aquática na vida desses homens, abarcando imensos rios até aqueles mais “miúdos”, as bicas e os pequenos córregos.

A imagem do Paraíso imaginado, que transparece nas falas dos depoentes desejosos de terra fértil, de animais no quintal, de uma natureza com clima definido ganha contornos específicos com o ato do deslocamento. E nas lembranças desses pernambucanos da Colônia do Pulador, a natureza tem um significado amigável, confirmado todas as vezes que eles se referem ao auxílio que ela traz para o desenvolvimento da agricultura da região. As falas referentes à natureza estão centralizadas em diferentes tempos, e como elas fazem parte da memória, talvez exista aqui um curto tom de estabilidade atualmente rara, especialmente quando pensamos nas mudanças climáticas.

Notas

* Texto parcial do exame de qualificação.

** Mestranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em História, sob a orientação da Dra. Denise Bernuzzi de Sant’Anna.

¹ Margem Esquerda era o nome atribuído ao bairro da cidade de Aquidauana que se localizava, em sua maior parte, na margem esquerda do Rio Aquidauana.

² Vicente de Anastácio veio para o Brasil no ano de 1870, em busca de presos políticos.

³ Wolff, Cristina. *Mulheres da floresta: uma história do Alto do Juruá, Acre (1890-1945)*. São Paulo, Hucitec, 1999.

⁴ *Pau-de-arara*: caminhão coberto com lonas e bancos de madeira na carroceria, que carregavam as famílias para diversas regiões do país.

⁵ Entrevista realizada com Maria José Barbosa, em 21 de agosto de 1999.

⁶ Idem.

⁷ Entrevista realizada com Antônio Gomes de Brito, em 5 de junho de 2000.

⁸ Idem.

⁹ Entrevista realizada com Maria José Barbosa, em 21 de agosto de 1999.

¹⁰ Ver *Projeto História*, n. 17, São Paulo, Educ, 1998.

¹¹ Lucena, Célia Toledo. Memórias de famílias migrantes: Imagens do lugar de origem, *Projeto História*, n. 17, São Paulo, Educ, 1998.

¹² Entrevista realizada com Maria Olímpio da Silva Nascimento, em 6 de junho de 2000.

¹³ Entrevista realizada com Antônio Gomes de Brito, em 5 de junho de 2000.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Entrevista realizada com Maria Olímpio do Nascimento, em 6 de junho de 2000.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Entrevista realizada com Benvinda Maria da Conceição, em 5 de junho de 2000.